

---

# REFERENCIAÇÃO E ARGUMENTAÇÃO NO ESQUETE HUMORÍSTICO “POLÍCIA”, DO PORTA DOS FUNDOS

---

## REFERENCING AND ARGUMENTATION IN THE HUMOROUS SKETCH “POLÍCIA”, BY PORTA DOS FUNDO

---

Anderson Jorge Pinheiro do Nascimento<sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar o fenômeno referencial no gênero textual esquete com o intuito de entender como a referenciação contribui para a construção da dimensão argumentativa em um gênero humorístico. Para fazê-lo, é analisado o esquete “Polícia”, do grupo humorístico Porta dos Fundos, a título de exemplificação. Justifica-se o trabalho pelo fato de o esquete ser ainda um tipo de produção verbo-visual humorística pouco explorado quanto ao processo referencial e de como esse processo contribui para a construção de um dado ponto de vista. O trabalho encontra-se fundamentado teoricamente na Linguística Textual e estabelece um diálogo com estudos da argumentação na perspectiva de Amossy (2018). O resultado indica que no esquete analisado as recategorizações no curso da interação são importantes sinalizações que possibilitam a construção de um determinado modo de ver e sentir as coisas do mundo.

**Palavras-chave:** Referenciação. Argumentação. Esquete.

### ABSTRACT

*This work aims to analyze the referential phenomenon in the textual genre sketch to understand how referencing contributes to the construction of the argumentative dimension and humor. To achieve this goal, the sketch “Polícia” by Porta dos Fundos is analyzed by way of example. The work is justified by the fact that the sketch is still almost unexplored genre concerning the referential process and how this process contributes to the construction of a point of view. The article is theoretically based on Textual Linguistics and establishes a dialogue with studies of argumentation from Amossy’s perspective (2018). The result indicates that in the analyzed sketch the re-categorizations in the interaction course are relevant signs that enable the construction of a certain manner of seeing and feeling the things of the world.*

**Keywords:** Referencing. Argumentation. Sketch.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, tem-se como objetivo entender o modo pelo qual o processo de construção e reconstrução de referentes funciona para a constituição da dimensão argumentativa no gênero discursivo esquete<sup>1</sup>, tendo como embasamento estudos sobre referenciação desenvolvidos na

Linguística Textual e estudos da argumentação, tais como os desenvolvidos por Amossy (2018), sobre a Análise Argumentativa do Discurso.

Neste artigo entende-se esquete como um gênero formado por cenas humorísticas de curta duração, construídas por imagem e movimento, de modo que as linguagens verbal (oral e escrita), imagética e sonora compõem os enunciados, conforme Travaglia (2017).

Considerando o objetivo de analisar como o processo de referenciação contribui para a dimensão argumentativa, teoricamente

<sup>1</sup> Neste trabalho, assume-se a concepção de gênero de Bakhtin, segundo a qual gêneros são “tipos relativamente estáveis de enunciados” e um fenômeno marcado sócio historicamente, afinal, tem relação direta com as diferentes situações da vida social (BAKHTIN, 2011).

<sup>1</sup> Mestrando em Letras – Universidade Federal de São Paulo.

o trabalho tem como fundamentação estudos sobre: i) a referenciação, concebida como um processo de construção e reconstrução de referentes (objetos de discurso) que se dá na interação entre sujeitos socioculturais e historicamente constituídos (MONDADA; DUBOIS, 2003; MARCUSCHI; KOCH, 2006); ii) o contexto, compreendido como “constructos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos de comunidades” (VAN DIJK, 2012, p. 11); iii) a argumentação entendida como constitutiva dos dizeres, afinal, mesmo quando não há a intenção deliberada de influenciar o outro, no discurso há determinado modo de ver o mundo, que aponta para um ponto de vista (AMOSSY, 2018).

Marca-se a relevância do trabalho pela contribuição teórico-analítica que pode trazer para os estudos da referenciação, como concebidos na Linguística Textual, em interface com os estudos da argumentação, conforme proposta da Análise Argumentativa do Discurso, bem como pela contribuição que pode trazer aos estudos que buscam compreender o funcionamento do gênero humorístico esquete, ainda pouco abordado academicamente.

Outro aspecto alusivo à relevância da pesquisa é o atual contexto de produção e consumo de produtos audiovisuais. Afinal, plataformas de *streaming* e de divulgação de vídeos, como o YouTube, alcançam cada vez mais usuários e concorrem diretamente com mídias mais clássicas, como a televisão e os cinemas. A escolha de analisar esquetes produzidos para a internet dá-se tanto pelo valor mercadológico, quanto pelo fácil acesso ao conteúdo.

Particularmente, o esquete está publicado no canal da plataforma YouTube do coletivo de humor Porta dos Fundos em 2017, um vídeo que no primeiro semestre de 2020 conta com mais de três milhões de visualizações. A cena conta com a direção de Vini Videla e o roteiro de Fábio Porchat.

Quanto à organização, o artigo está dividido em duas partes: a primeira trata de

conceitos teóricos fundamentais para a análise: a referenciação, o contexto sociocognitivo e a argumentação; a segunda, da análise propriamente dita.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A referenciação

Antes de mais nada, é importante salientar que o processo de referenciação em uma abordagem sociocognitiva, tal como concebida no campo da Linguística Textual, não diz respeito a uma correspondência entre as palavras e as coisas, mas, sim, a práticas simbólicas, conforme postulam Mondada e Dubois:

Estas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo. (2003, p. 20).

As autoras explicam que isso acontece porque, ao lançar mão de dada palavra ou categoria, o sujeito falante não o faz tendo em vista se adequar a um mundo anterior, dado *a priori*, nem a um locutor ideal, pois, segundo Mondada e Dubois:

O processo de produção das sequências de descritores em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto. (2003, p. 34).

Sendo assim, a atividade cognitiva individual é uma atividade constante de categorização e não uma simples identificação e reconhecimento de objetos preexistentes. Ou seja, os referentes não são dados segundo as propriedades intrínsecas do mundo, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos

Essa noção de referenciação implica

entender o processo de textualização ou discursivização do mundo pela linguagem como um processo de construção, estruturação e fundamentação do real, pressupondo-se que a língua não é um simples meio de transmissão de informação, segundo Marcuschi e Koch (2006).

Além da categorização, ou seja, do modo como os objetos do discurso são vistos ao serem introduzidos no texto, haja vista que o processo referencial passa pela atividade cognitiva individual, há o processo de recategorização referencial, que diz respeito às modificações que os referentes vistos como objetos do discurso podem sofrer no curso mesmo do discurso, considerando que, no decorrer do processo textual-discursivo, a um dado referente podem ser atribuídas outras características. Sobre isso, Marcuschi e Koch (2006) esclarecem que a recategorização é fundada em uma remissão a aspectos co(n)textuais antecedentes, seja um item lexical, uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (cognitivo).

No que tange à introdução dos referentes no modelo textual, estudiosos do tema indicam duas formas: ativação ancorada ou não-ancorada (KOCH; ELIAS, 2013). A ativação é ancorada quando um novo objeto de discurso é introduzido no enunciado por meio de uma associação, que é sugerida por elementos presentes no contexto linguístico ou pelo contexto sociocognitivo. Já a ativação não ancorada ocorre quando um referente completamente novo é introduzido no texto.

Um aspecto constitutivo da instabilidade entre as palavras e as coisas diz respeito ao contexto, considerando que, no processo referencial, as categorias mudam sincrônica e diacronicamente, segundo Mondada e Dubois (2003). Na explicação das autoras, alguém pode ser categorizado como “antieuropéu” e também como “nacionalista”, a depender do ponto de vista adotado. Assim como, em um dado momento histórico, um sujeito anteriormente categorizado como “traidor” pode começar a ser visto como um “herói”. Desse modo, o processo referencial leva em conta aspectos extralinguísticos

como o conhecimento de mundo, a situação comunicativa e os aspectos culturais.

Partindo desses pressupostos, para evidenciar a construção e a reconstrução de objetos do discurso no esquete, é necessário levar em consideração aspectos contextuais. Daí a noção de contexto ser desenvolvida no tópico seguinte, numa abordagem sociocognitiva.

## 2.2 O contexto

Em estudos do texto de abordagem sociocognitiva, pesquisadores assumem o pressuposto de que a construção de sentido dá-se na interação, levando-se em conta o contexto sociocognitivo dos sujeitos envolvidos. Para Van Dijk (2012), os contextos são modelos mentais, que representam as propriedades relevantes do entorno comunicativo e são responsáveis por controlar os processos de produção e compreensão do evento comunicativo. Portanto, o contexto não diz respeito a propriedades objetivas das situações comunicativas, mas, sim, a construtos subjetivos dos participantes.

Ainda sobre os modelos de contextos, o autor diz se tratar de modelos esquemáticos. No momento de interação, esquemas de categorias compartilhadas, com base cultural, são identificados e ensejam a interpretação. Esses esquemas e categorias culturais são fundamentais para que os participantes consigam entender, representar e atualizar situações sociais às vezes altamente complexas em tempo real. Desse modo, os contextos, enquanto modelos mentais, controlam o processo de produção e compreensão do discurso.

Para além da cognição e subjetividade, Van Dijk (2012) entende que há claramente uma base social na estrutura e construção do contexto. Essa base social dá-se a partir das cognições sociais compartilhadas, como os conhecimentos, atitudes, ideologias, gramáticas, normas, regras e valores de uma comunidade discursiva.

Considerando a abordagem

sociocognitiva, Koch (2002) compreende que o contexto é constituído por meio da próprio co-texto (contexto linguístico), da situação imediata, da situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e do entorno sociocognitivo dos interlocutores.

Koch e Elias (2013) entendem que o entorno sociocognitivo envolve todos os demais, afinal ele diz respeito a todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos atores sociais a que os sujeitos recorrem no momento de interação. Esses conhecimentos referem-se ao conhecimento linguístico, ao conhecimento enciclopédico, ao conhecimento da situação comunicativa e de suas regras (situacionalidade), ao conhecimento superestrutural ou tipológico (gêneros e tipos textuais), ao conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas) e ao conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade).

As autoras tratam ainda do aspecto de o contexto ser constitutivo do próprio dizer, o que faz com que, portanto, no momento de interação, os sujeitos vão alterando, ajustando ou conservando o contexto no movimento interacional, tendo a construção de sentidos em vista.

Pressupõe-se, portanto, que o contexto é peça fundamental para a coerência textual. Todo dizer é situado sociocognitivamente, de modo que conhecimentos de diferentes naturezas são acionados para o processamento textual.

## 2.3 A argumentação

Estudiosos da argumentação em diferentes quadros teóricos têm se dedicado a discutir o modo pelo qual o dizer contribui para a construção de um dado modo de ver e de sentir as coisas do mundo. Nesse sentido, a argumentação é entendida parte constitutiva do dizer, como indicam estudos de Amossy relacionados à Teoria da Argumentação do Discurso, bem como de Koch (1984).

Proposta por Amossy (2018), a

teoria trata de uma abordagem que entende a argumentação como constitutiva do discurso, pois, segunda a autora, todo discurso busca ao menos orientar os modos de ver e de pensar dos interlocutores.

Dessa forma, há dois tipos de discursos argumentativos: a) um que é discursivamente constitutivo, por abarcar um ponto de vista<sup>2</sup>, chamado de *dimensão argumentativa*; b) outro que é expressa e reconhecidamente persuasivo, chamado de *visada argumentativa*.

Na proposta teórica de Amossy (2018), a argumentação dá-se em uma situação discursiva em que determinados conhecimentos circundam a situação sócio-histórica da enunciação.

Sendo assim, há argumentação em todo discurso, mesmo naqueles que não apresentam deliberadamente argumentos que buscam influenciar o modo de pensar/agir do leitor/ouvinte, pois, além dos discursos que têm essa visada, todos os demais apresentam determinado modo de ver o mundo.

Em relação a esse posicionamento, especificamente no campo da Linguística Textual no Brasil, destaca-se o estudo da argumentação feito por Koch (1984) para quem a argumentatividade é característica fundamental da interação social, afinal o homem comumente avalia, julga, critica, enfim, forma juízos de valores, e, por meio dos enunciados, tenta influenciar o comportamento alheio. Retomando as palavras da autora:

[...] partindo do postulado de que a argumentatividade está inscrita no uso da linguagem, adota-se a posição de que a argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas, principalmente, de coerência textual (KOCH, 1984, p. 21).

Ainda sobre a argumentação na Linguística Textual, para Cavalcante (2019),

2 Macedo e Cavalcante (2019) concebem o termo "ponto de vista" como expressão de um modo particular de ver as coisas, que é inerente a todo e qualquer dizer ao passo que "tese"/"opinião" dizem respeito à opinião estrategicamente defendida por um locutor com vistas à adesão de um auditório.

a argumentatividade dá-se na construção colaborativa de cada texto e na relação que os textos estabelecem entre si. Entende-se, também, que é por meio da orientação argumentativa que são selecionados e engendrados os tipos de manifestação dos recursos textualizadores.

Considerando, pois, as noções teóricas que fundamentam este artigo, especificamente no tocante à referenciação, ao contexto e à dimensão argumentativa, no próximo tópico será analisado um esquete, a fim de exemplificar como o processo referencial, dado o contexto, contribui para constituir um ponto de vista no gênero humorístico selecionado.

## 2.4 O esquete em análise

Para a análise, foi selecionado o esquete “Polícia”, do Porta dos Fundos, como já mencionado. Metodologicamente, foram adotados os seguintes procedimentos para a análise: captura das imagens e transcrição das falas dos personagens, observando os parâmetros do projeto NURC<sup>3</sup> de transcrição conversacional.

No esquete “Polícia”, uma repórter se dirige a um comandante da polícia e o questiona a respeito do fato de a polícia brasileira ser a que mais mata no mundo. O comandante começa sua resposta, mas, ao iniciar a sua fala, é atingido por um tiro<sup>4</sup> e cai. A repórter, então, dirige-se a outro policial que, por sua vez, também é atingido por um tiro ao responder à pergunta. Na sequência, surgem mais três policiais para responder à pergunta da repórter, mas, igualmente aos anteriores, todos são atingidos por um tiro ao começar a falar. Um após o outro, os policiais dizem que é importante ressaltar o fato de a polícia brasileira ser a que mais morre no mundo. Na continuidade das cenas narrativas que compõem o esquete, após o acontecido

com os policiais, a jornalista dirige-se a um cidadão comum, não policial, com o mesmo questionamento. O homem, ao começar a sua resposta, também é baleado antes de concluir a sua fala. Ao final do esquete, ao passar a fala ao jornalista âncora do jornal, a repórter é também vítima de um tiro.

Como já explicado, o foco da análise é a referenciação, especificamente no processo como ocorre a introdução e a recategorização de objetos de discurso. Partindo disso, é evidenciado o modo como os personagens surgem na cena e como são representados ao sair de cena, já que todos, sem exceção, passam por uma mudança ou recategorização, a saber, são vítimas de um disparo de arma de fogo. Tendo isso em vista, é analisado como esse processo referencial se dá e sua relação com a dimensão argumentativa no gênero de humor.

De início, cabe analisar a composição da cena no que diz respeito às imagens. O figurino é responsável por identificar os personagens em dois grupos: 1) quem entrevista, no caso, a repórter do canal 10; 2) quem é entrevistado. Este último apresenta a seguinte subdivisão: 2.1) os policiais, compostos por aqueles que vestem o fardamento da instituição policial; 2.2) os não policiais, no caso, o cidadão comum, que não usa o fardamento.

Figura 1 - Figurinos<sup>5</sup>.



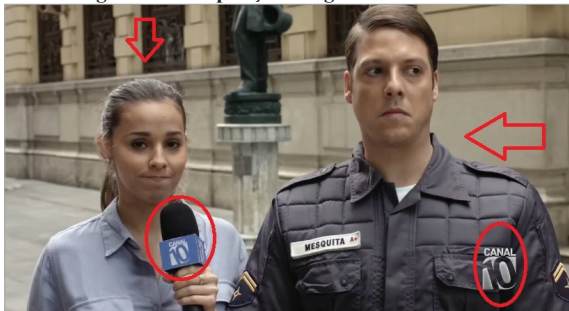
Além do figurino, há a composição do cenário que é ao ar livre, típico de coberturas jornalísticas externas. Outros elementos do vídeo também compõem o contexto de entrevista jornalística, como o microfone com canopla, que anuncia o “canal 10”, assim como o mesmo logotipo presente em marca d’água no canto inferior direito da tela.

3 Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

4 Os tiros são textualizados por meio sonoro e pela imagem (som de tiro e marca de sangue). Não se sabe quem o disparou nem o motivo do disparo.

5 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

Figura 2 - Composição imagética do contexto<sup>6</sup>.



Todos esses elementos visuais são fundamentais na composição do contexto, compreendido sociocognitivamente, e apontam para o reconhecimento de uma prática comunicativa: a entrevista televisiva. A partir disso, a cena dá continuidade à narrativa.

Quanto à referenciação, ao surgir na cena, Mesquita, o primeiro entrevistado, é categorizado como comandante, um sujeito que representa a polícia brasileira. A jornalista dirige-se a ele para saber o motivo de a polícia brasileira ser a que mais mata no mundo, conforme trecho abaixo.

*REPÓRTER: é isso mesmo Celso... estamos aqui com o Comandante Mesquita pra conversar com a gente... comandante... a polícia no Brasil é a que mais mata no mundo... a que se deve esse fato?*

*COMANDANTE MESQUITA: positivo recebemos essa informação... mas vale a pena ressaltar também ... ((há o som de disparo de tiro que acerta o comandante))*

Porém, ao iniciar sua fala, o policial é atingido por um tiro. Portanto, o comandante da polícia passa a ser recategorizado como vítima de um tiro.

Esse processo de recategorização também ocorre com os quatro policiais que entram em cena para responder à indagação feita pela jornalista, sendo três policiais homens e uma policial mulher. Os policiais, identificados pelos uniformes, começam suas falas, mas logo são atingidos por um disparo de arma de fogo.

Nessas cenas, mesmo sendo interrompidos antes de concluir o raciocínio,

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

Figura 3 - Recategorização Comandante Mesquita<sup>7</sup>.



Figura 4 - Recategorização policial 1<sup>8</sup>.



Figura 5 - Recategorização policial 2<sup>9</sup>.



Figura 6 - Recategorização policial 3<sup>10</sup>.



os policiais vão completando a fala um do outro, como é possível analisar na transcrição:

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

Figura 7 - Recategorização policial 3<sup>11</sup>.



*COMANDANTE MESQUITA: positivo recebemos essa informação... mas vale a pena ressaltar também ... ((há o som de disparo de tiro que acerta o comandante))*

*POLICIAL 1: ((Outro policial surge na cena, continuando a resposta)) como o comandante ia dizendo... nós também temos que ressaltar que... ((há o som de disparo de tiro que acerta o policial))*

*POLICIAL 2: ((Outra policial surge na cena, continuando a resposta)) que no Brasil temos ... ((há o som de disparo de tiro que acerta a policial))*

*POLICIAL 3: ((Outro policial surge na cena, continuando a resposta)) temos também a polícia que... ((há o som de disparo de tiro que acerta o policial))*

*POLICIAL 4: ((Outro policial surge na cena, continuando a resposta)) a polícia que mais morre no mundo ((há o som de disparo de tiro que acerta o policial))*

As últimas palavras do Comandante Mesquita antes de ser atingido são: “vale ressaltar também...”. Após o Comandante, surge um policial que retoma o que foi dito pelo Comandante Mesquita, mas também é atingido antes de concluir sua fala: “como o Comandante ia dizendo, nós também temos que ressaltar que”. Surge então uma terceira policial complementando a fala com “que no Brasil temos...”, antes de ser atingida. O quarto policial da cena repete a última palavra dita pela policial anterior e complementa: “temos também a polícia que”. Após esse quarto policial ser atingido durante sua fala, surge o quinto e último policial que repete as últimas palavras do anterior e conclui com: “temos também a polícia que mais morre no mundo”.

11 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

Em vista disso, ao serem questionados sobre o fato de a polícia brasileira ser a que mais mata no mundo, os policiais respondem acerca da importância de ressaltar que a polícia brasileira é também a que mais morre no mundo.

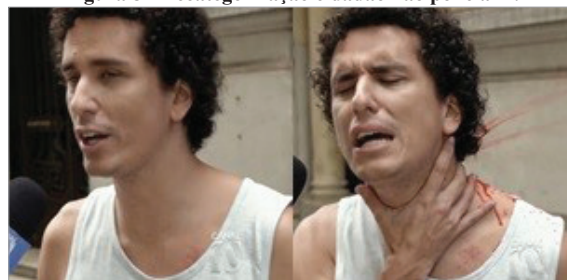
Depois do ocorrido com os policiais, a repórter direciona a pergunta a um cidadão comum, como transcrito a seguir:

*REPÓRTER: bom os policiais acabaram por hoje vamos conversar com a população que também está no local... olá... boa tarde... qual a sua opinião ((repórter direciona o microfone para que o civil responda))*

*CIVIL: eu acho que tem hora que a polícia ((há o som de disparo de tiro que acerta o civil)) eita porra ((diz com dificuldade, antes de cair))*

Assim como acontece com os policiais, o civil também não consegue concluir seu raciocínio porque antes disso é atingido por um tiro. Portanto, o cidadão, que na entrevista é alçado à categoria de representante da população, após também ser atingido por um tiro, passa a ser recategorizado como vítima da violência urbana.

Figura 8 - Recategorização cidadão não policial 12.



Na cena final do esquete, a própria repórter, pessoa que conduz a entrevista, presente em todas as cenas, é também baleada, logo após passar a fala para o âncora do jornal, Celso, de modo que ela mesma é um objeto de discurso que é categorizado como a profissional do âmbito jornalístico, e assim mantida até a última cena do esquete, quando é recategorizada, também, como vítima de violência urbana.

12 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.

*REPÓRTER: voltamos aí no estúdio... é com você Celso ((há o som de disparo de tiro que acerta a repórter))*

Figura 9 - Recategorização repórter<sup>13</sup>.



A estratégia referencial marcada pela repetição constrói o ponto de vista segundo o qual todos, indistintamente, são vítimas da violência urbana. Esse ponto de vista vai se construindo por meio das recategorizações que ocorrem durante a entrevista, como já comentado. Afinal, os personagens são introduzidos como correspondentes a uma categoria social (policial, cidadão e repórter), mas no decorrer do texto são recategorizados como vítimas da violência urbana.

É preciso destacar que, no esquete, há seis personagens entrevistados pela repórter. Destes, cinco aparecem nessa produção humorística como policiais e um não pertence a essa categoria. Na entrevista, a pergunta da repórter “a polícia no Brasil é a que mais mata no mundo... a que se deve esse fato?” traz o ponto de vista de que “a polícia mata, a polícia é violenta”. Contudo, esse ponto de vista é confrontado com um outro segundo o qual “a polícia morre, a polícia também é vítima da violência”, que é sugerido na cena em que os policiais são atingidos por um tiro e passam a partir daí a ser vistos ou recategorizados como vítimas. Quando o não policial e até a repórter são também atingidos por um tiro e, portanto, passam a compor a estatística de vítimas da violência, a dimensão argumentativa do esquete aponta para a seguinte compreensão: “a violência atinge a todos indistintamente”.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado, pela forma de produção do esquete analisado, o processo referencial é marcado por um modo particular de constituição e reconstituição dos referentes: eles são introduzidos como entrevistados (com exceção de uma das personagens que é a entrevistadora), mantêm-se por um dado tempo nessa categoria e saem de cena recategorizados como vítimas da violência. Isso também acontece com a entrevistadora, na cena final.

Então, em todas as cenas narrativas que compõem o esquete, a violência urbana atinge a todos, indistintamente, e isso é representado no contexto micro da entrevista que, por sua vez, aponta para um contexto macro: a falta de segurança que assola o país.

Ainda a respeito da referenciação, além do processo de categorização/ recategorização pelo qual os personagens da cena passam, um aspecto particular desse esquete é o elemento provocador da recategorização: o referente tiro. Ele é introduzido nas cenas por meio sonoro e imagético: o som do disparo do tiro, somado à marca no corpo da vítima, sangue e expressão corporal. Desse modo, as linguagens verbal, sonora e imagética são engajadas para a construção do sentido global da cena que, por sua vez, engloba a argumentação no gênero humorístico analisado.

### REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

BAKHTIN, Mikhail M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

CAVALCANTE, M. M. Por uma análise argumentativa na Linguística Textual. In: **Estudios sobre discurso y argumentación**. Coimbra: Grácio Editor, 2019. p. 319-338.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N73NCTbSza4>. Acesso em 22 mar. 2020.



\_\_\_\_\_. Texto e contexto. In: **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 21-33.

\_\_\_\_\_.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**. São Paulo: Contexto, 2013.

MACEDO, P. S. A; CAVALCANTE, M. M. Estratégias de textualização na polêmica sobre culturas agrícolas no Brasil. In: **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, jan-abr/2019, p. 303-320.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. Referenciação. In.: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. V. **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 381-399.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

TRAVAGLIA, L. C. Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros. **Revista Olhares & Trilhas**. Uberlândia, vol. 19, n. 2, jul./dez. 2017.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.